

CRISTINA ROBALO CORDEIRO  
COORDENAÇÃO

# TOLOGIA

## FRANCOFONIAS EM DIÁLOGO

Dos anos 80  
à atualidade

iu

## ENCONTROS<sup>1</sup>

*Mohammed Dib*

Mohammed Dib (1920-2003) é um escritor argelino, autor de vários romances, novelas, contos, poemas e peças de teatro. A sua obra prolífica, publicada a partir dos anos 50 até a sua morte, ficou marcada por uma constante reflexão sobre a identidade individual, mas também coletiva, através de uma escrita fortemente simbólica.

O excerto aqui apresentado é retirado de uma novela publicada em 1999 na coletânea *Une enfance algérienne*, organizada por Leïla Sebbar (1941 -), também ela escritora. Este livro de novelas redigidas por dezasseis autores argelinos nascidos antes da independência do país tem como propósito retratar uma Argélia que já pertence ao passado, uma Argélia vista através do olhar de crianças.

### Segundo encontro.

Chamava-se Monsieur Souquet. Eu tinha nove anos; ele estava na casa dos cinquenta, na medida em que eu conseguia avaliar a sua idade. Um bicho-papão com enormes bigodes grisalhos caídos e uma grande barriga. Não era alto. Era francês. Nós crianças, tínhamos muito medo dos franceses, nunca nos aproximávamos deles.

---

<sup>1</sup> Este texto constitui um excerto de uma coletânea de novelas publicada por Sebbar, Leïla (1999). *Une enfance algérienne*. Paris: Folio, pp. 120-125.

Porém, neste caso, eu fiquei logo trancado com ele, na mesma divisão, por várias horas e cinco dias por semana. Não tive escolha a não ser ficar e conviver com essa situação; felizmente, havia lá mais trinta crianças como eu. Ele também usava óculos, todos usavam óculos, mas os seus tinham uma armação de arame.

Monsieur Souquet era um professor francês que veio dar aulas na escola laica e pública da cidade. Uma escola bastante grande, onde estávamos entre nós com os nossos professores argelinos, à exceção de alguns dois ou três que vieram de lá. Estes permaneceram tão estranhos quanto estrangeiros para nós. Uma personagem importante expressou uma verdade profunda nos dias de hoje quando declarou que o estrangeiro se reconhece pelo cheiro. Monsieur Souquet, um francês que eu agora podia estudar de perto e à vontade, tinha justamente cheiro. Um cheiro um pouco seco, um pouco branco, mas não desagradável. Como dizer, um cheiro de palha, ou quase.

Mas isso realmente não era a coisa mais importante. Não demorei muito para descobrir que ele era o tipo de bicho-papão afável, com o seu bigode farfalhado, a sua voz grossa, a sua barriga grande, os seus olhos enormes, e isso tinha outra importância. Ele ainda me fazia tremer, mas cada vez com menos força, e depois já não. É preciso dizer que tínhamos começado a aprender com ele uma série de coisas interessantes.

Afável, sim, mas rigoroso no que diz respeito ao trabalho e à conduta. Ele não se proibia em certos momentos de levantar uma voz que fazia vibrar os vidros das janelas da sala. Castigava os maus alunos e a sua maneira favorita consistia em dar um soco muito pesado, embora carnudo, nos nossos crânios. Um modo do qual não abusava, apenas usava com moderação, reservando-o para os casos graves e extremos.

Tive a oportunidade, por minha vez, de conhecer esse soco. Monsieur Souquet ensinou-nos que o plural dos substantivos comuns é geralmente formado com “s” adicionado no final; e um dia tivemos a infelicidade de nos deparar com a palavra “puits” num ditado.

Monsieur Souquet ficou com o meu caderno na frente dele. Ele imediatamente decretou que eu tinha cometido um erro ao escrever “puit”. Respondi que essa palavra, no nosso ditado, estava no singular. Por sua vez, respondeu que, no entanto, a palavra tinha de levar um “s”. Recusei a ideia e a sua aplicação. A questão foi decidida na frente de toda a turma com um soco que lembro que só machucou a minha autoestima ao me silenciar.

Ainda hoje escrevo contra a minha íntima convicção a palavra “puits”, assim, com o seu injustificado apêndice, na sua singularidade, e só em memória do meu bom professor.

Durante o recreio, encontrava-me no meu elemento, só havia argelinos no pátio desta escola indígena. A propósito, gostaria também de salientar que na altura não conhecíamos estas palavras: Argelinos, Argélia, Al Djazaïr. Ninguém nos falou sobre elas, ou nos disse o significado que elas supostamente tinham. Nem os nossos pais em casa, nem ninguém lá fora. Era a escola que no-lo ia ensinar. E nós, ao descobrir que éramos de um país específico, pertencíamos a uma terra à parte. Uma vez no recreio, imediatamente, esquecia-me, esquecíamos-nos da existência deste delegado de um outro planeta que era Monsieur Souquet. Nem me ocorreu que ele pudesse ter um lar, uma vida familiar. Eu teria feito melhor se tivesse pensado nisso um pouco mais cedo, porque ele trouxe uma bela manhã, na nossa turma, um menino da nossa idade com a pele leitosa tão macia que nos perguntamos como essa pele não derretia nele.

Uma criança francesa, aos nossos olhos, era ainda mais surpreendente do que um francês adulto. Os nossos olhos arregalados já não se destacavam dele, já não trabalhávamos, incapazes de fazer outra coisa. Durante vários dias, durante todos esses primeiros dias, reinou um clima especial na aula, um clima feito de atenção, de prudência, de encantamento. Sem dúvida, pelo efeito da sua mera presença, um sentimento completamente novo, algo tinha mudado ao nosso redor, até dentro de nós.

Era filho de Monsieur Souquet e acho sem certeza que se chamava Georges. Ele ia estudar na turma do pai, que era a nossa! Um evento para o qual nada nos tinha preparado. E foi a revolução assim que as turbulentas legiões das outras turmas o viram durante o recreio. De facto, uma revolução silenciosa. Os que não eram da nossa turma não sabiam quem apareceu lá. Assim, como por magia, a excitação habitual de repente se apagou e todos ficaram ali, e nós com eles, atordoados. Durou pouco, mas foi um momento de eternidade.

Depois, pouco a pouco, aproximamo-nos dele, mantendo a distância. Limitamo-nos a observá-lo. Como ele estava vestido – muito melhor do que qualquer um de nós. Como ele estava calçado – muito melhor ainda. Como ele estava penteado, como ele se portava. Não falava. Nunca trocou uma única palavra connosco, nem nós com ele, nós porque se já sabíamos ler, ainda não sabíamos falar francês. E nunca imaginávamos ouvi-lo falar na nossa língua.

Essa reviravolta nos nossos hábitos foi apenas um interlúdio de curta duração. Georges, se pelo menos era esse o seu nome, logo desapareceu da nossa turma, da nossa escola, da nossa vida. Não tivemos tempo de nos habituar a ele, nem ele a nós.

Monsieur Souquet obviamente ficou. Este homem, descobrimos dia após dia que ele era o melhor dos homens por uma razão muito simples. Nunca terminava a sua aula sem nos contar uma história, geralmente curta, engraçada, mas engraçada o suficiente para nos fazer gritar de alegria, o que ele permitia, já que ele próprio se ria disso connosco. Vejo-o a se rir no seu bigode desgrenhado até ter lágrimas nos olhos. Por isso nunca saímos tristes da escola, à porta da qual nos esperava o vendedor espanhol de guloseimas e grão-de-bico torrado, os *torraicos*.

Ele, não podíamos temê-lo. Não por causa da sua baixa estatura e dos seus olhos remelosos, mas porque ele era nosso, era um amigo próximo. O mesmo acontecia com David, o judeu que vendia doces tunisinos num quiosque na praça principal, ponto de encontro de

todas as crianças da escola que tinham alguns cêntimos. Era ainda mais nosso, e tão nosso que nunca nos recusou um suplemento depois de nos ter dado pelo nosso dinheiro um pedaço de maçapão com mel rapidamente devorado.

Fica ainda o encontro que eu não sabia que já tinha feito e que, posteriormente, se revelaria decisivo para infletir a minha vida numa certa direção com a força de uma necessidade, ou de um destino: é aquele que me colocou diante de uma língua a princípio tão difícil quanto sedutora, o Francês. Mas isso é uma outra história, uma daquelas histórias que não têm fim.

**TRADUÇÃO E NOTA INTRODUTÓRIA DE  
CHRISTINA DECHAMPS**

Universidade Nova de Lisboa